

Imagem-Tempo, Tela Brasilis e Canal Brasil *apresentam*

CRÔNICA DA DEMOLIÇÃO

Um documentário de Eduardo Ades



Festival do Rio
SELEÇÃO OFICIAL
PREMIERS BRASIL



Festival Int. de
Cinema de Arquivo
MELHOR EDIÇÃO DE
IMAGEM E SOM
MELHOR PESQUISA



Festival Int. de
Cinema de Brasília
MELHOR DOCUMENTÁRIO



Festival de Cinema
de Belo Jardim
MELHOR DIREÇÃO
MELHOR MONTAGEM



Mostra Int. de
Cinema de São Paulo
SELEÇÃO OFICIAL

Crônica da demolição

DIREÇÃO E ROTEIRO

Eduardo Ades

PRODUZIDO POR

Daniela Santos

Eduardo Ades

João Felipe Freitas

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Daniela Santos

ARGUMENTO

Eduardo Ades

José Eduardo Limongi

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Angélica de Oliveira

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

José Eduardo Limongi

CENOGRAFIA

Dina Salem Levy

SOM DIRETO

Antonio Carlos Liliu

Rodrigo Maia

MONTAGEM

Eva Randolph

Eduardo Ades

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Remier Lion

MOTION GRAPHICS

Eduardo Seabra

CORREÇÃO DE COR

Paulo Carou

EDIÇÃO DE SOM

Thiago Sobral

MIXAGEM

Jesse Marmo

PRODUÇÃO

Imagem-Tempo

Tela Brasilis

COPRODUÇÃO

Canal Brasil

PRODUÇÃO ASSOCIADA

Link Digital

PATROCÍNIO

RioFilme

Secretaria de Estado

de Cultura RJ

COFATROCÍNIO

CAU/RJ

APOIO

Rio Film Comission

CiaRio

CTAv

CRÔNICA DA DEMOLIÇÃO: EDUARDO ADES



SINOPSE

Documentário. No Centro do Rio de Janeiro, uma praça vazia com um chafariz seco e um estacionamento subterrâneo. Há quarenta anos ali ficava o Palácio Monroe, antiga sede do Senado Federal. Uma história de sabres e leões, militares e arquitetos, passado e futuro.

TRAILER

<https://vimeo.com/141722942>

PÁGINA DO FILME NO FACEBOOK

<https://www.facebook.com/palaciomonroe>

FOTOS EM ALTA, CARTAZ E OUTROS MATERIAIS

<http://imagemtempo.com/press/cronica/>



Crédito: Adelino Portino/Riotrillhos

APRESENTAÇÃO

CRÔNICA DA DEMOLIÇÃO é um documentário de 90 minutos que conta a história do Centro do Rio de Janeiro, ao longo do século XX, a partir do caso do Palácio Monroe. Com uma narrativa de tensão e atmosfera de suspense, o filme discute o processo histórico que culminou na demolição do Palácio Monroe, e as dúvidas que ainda persistem sobre o assunto. No entanto, para além do caso concreto do Rio de Janeiro, o que o filme retrata são os processos e as forças de destruição que atravessam a vida de todas as grandes cidades brasileiras.

Este é o primeiro longa-metragem do diretor Eduardo Ades, que estreou na direção com o premiado curta “A dama do Estácio”, estrelado por Fernanda Montenegro.

O documentário conta com uma centena de fotos antigas e 26 filmes de arquivo - incluindo um raro registro a cores da demolição do palácio - resultado de um ano de pesquisa em mais de 30 acervos e instituições. Suas filmagens foram realizadas no Rio de Janeiro - lançando um novo olhar sobre o centro da cidade - no Senado Federal, em Brasília, e em Uberaba, na fazenda que hoje abriga um portão e os leões do palácio.

Por meio dos materiais de arquivo e de entrevistas com pessoas envolvidas no caso, CRÔNICA DA DEMOLIÇÃO reconstrói 70 anos de história da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) e do Palácio Monroe.

O filme conta com depoimentos de pessoas como Noel de Almeida (ex-presidente do Metrô), Humberto Barreto (assessor do presidente Geisel), Maria Elisa Carrazzoni (conselheira do SPHAN), Jonas Sliachticas Filho (restaurador de arte, que participou da demolição), que trazem novas luzes para esclarecer os mistérios que rondam a demolição do Monroe. Arquitetos como Alex Nicolaeff, Alfredo Britto e Ítalo Campofiorito, assim como o ex-prefeito Cesar Maia, entre outros, colaboram para a construção dessa trama.

Foi preciso um ano de trabalho de montagem para converter 60 horas de material bruto em um filme de 90 minutos. Durante essa etapa, o filme foi selecionado para dois eventos de work-in-progress na América Latina - DocuLab Guadalajara (México) e Sanfic (Chile) – além de ter sido finalista do Prêmio Finaliza do Bolívia Lab, o que revela o interesse dessa história para além dos moradores do Rio de Janeiro.

A estreia mundial de CRÔNICA DA DEMOLIÇÃO foi no Festival do Rio, na Competição Oficial da Mostra Première Brasil. Participou ainda da Mostra de São Paulo, e festivais de cinema e arquitetura na Turquia e África do Sul entre outros. No total, foram 15 festivais e 5 prêmios: Melhor Documentário no Brasília Int'l Film Festival, Melhor Direção e Montagem no CineJardim, e Melhor Pesquisa e Edição de Imagem/Som no REcine – Festival de Cinema de Arquivo.



Crédito: Arquivo do Senado

O PALÁCIO MONROE

O Palácio Monroe foi construído pela primeira vez na Exposição Universal de St. Louis (1904), nos Estados Unidos, como o Pavilhão do Brasil. Lá ganhou o primeiro prêmio internacional da arquitetura brasileira.

Depois de reconstruído no Brasil (1906), na Avenida Central no Rio de Janeiro, recebeu o nome de Pavilhão de St. Louis. Posteriormente foi rebatizado, por sugestão de Joaquim Nabuco, em homenagem ao presidente americano James Monroe, criador da Doutrina Monroe. Logo tornou-se um dos mais importantes cartões postais da cidade e um dos prédios mais queridos dos cariocas.

O Palácio abrigou diversas instituições, sendo que a mais notória foi a de Senado Federal, de 1925 a 1960 – exceto durante o Estado Novo (1937-1945), quando Vargas fecha o Congresso.

Ao longo desse período, o palácio acabou acumulando uma série de valores: arquitetônico (por sua forma eclética, merecedora de premiação internacional), urbanístico (coroamento da Avenida Central, símbolo principal da modernização da Capital Federal no início do século XX), histórico-político (sede do Senado, uma das mais importantes instituições da república).

Nada disso, entretanto, foi suficiente para evitar seu desaparecimento. Já na década de 1950, o Senado propunha a demolição para abrigar uma sede mais espaçosa. O projeto vencedor da licitação, do arquiteto modernista Sergio Bernardes, traria um arranha-céus de 110 metros de altura para aquele terreno. No entanto, com a transferência da capital para Brasília, o projeto perde seu uso e o palácio ganhar alguma sobrevida. Porém, agora, perdia sua função mais honrosa e passaria a abrigar diferentes órgãos do governo federal.

A partir do fim da década de 1960 e por toda a década de 1970, o centro do Rio de Janeiro sofre intensa transformação. Prédios antigos (especialmente de estilo eclético) eram demolidos para dar lugar a novos edifícios comerciais mais altos – e modernistas. São anos de intensa especulação imobiliária, promovida, inclusive, pelo governo federal, que apostava no setor da construção civil como importante motor da economia – na geração de empregos e de negócios.

Diante desse cenário, o arquiteto Paulo Santos encaminha ao SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN) uma proposta para tombar o conjunto arquitetônico da Avenida Central, evitando que se perdesse definitivamente a paisagem construída no início do século, na administração do prefeito Pereira Passos. Esse conjunto abarcava as antigas edificações ao longo da Avenida Rio Branco, entre a Avenida Almirante Barroso (onde estavam os prédios do Jockey e Derby Club, e o Clube Naval) e o Palácio Monroe e Obelisco no outro extremo – incluía, portanto, o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, entre outros.

Trava-se, no entanto, intenso debate no Conselho Consultivo do SPHAN, uma vez que o arquiteto e urbanista Lúcio Costa – funcionário já aposentado da repartição – não recomendava o tombamento de vários desses prédios, porque não via qualquer valor na arquitetura eclética. O não-reconhecimento do mérito artístico dos prédios, acompanhado de uma pressão do governo, leva a que apenas o Palácio Monroe e os prédios do Jockey e Derby Club não venham a ser tombados. Em menos de três anos, os três prédios acabam demolidos.

No lugar dos prédios de Jockey e Derby é erguido um arranha-céu de 40 pavimentos. No lugar do Monroe, nada é feito, entretanto. A praça vazia fez, durante décadas, a população carioca evocar a história do palácio: para que demolir e não fazer nada? Muitas vezes justificou-se a demolição pelas obras do metrô, que de fato estavam revirando a cidade inteira àquele período. Entretanto, se por um lado fotos da época provam que o metrô desviou do palácio, as pessoas não estão de todo equivocadas ao relacionarem o metrô à demolição, conforme declara o engenheiro Noel de Almeida no filme.

A demolição do Monroe acontece entre 1975 e 1976, durante o período militar, por determinação do presidente Ernesto Geisel. Nesse processo, as peças e materiais foram vendidos. O mobiliário do palácio está no Senado Federal, em Brasília. Suas peças mais famosas são os leões que adornavam as portas: um dos pares está numa fazenda em Uberaba, e outro, no Instituto Brennand, em Pernambuco.

DIRETOR – Eduardo Ades

Formado em Cinema pela UFF, Eduardo Ades é diretor, roteirista e produtor. Sócio-fundador da Imagem-Tempo, produtora carioca com 13 anos de atividade. Produziu os longas “Morro dos Prazeres” (Maria Augusta Ramos, 2013) e “Yorimatã” (Rafael Saar, 2014), além de diversas curtas. Diretor e roteirista do premiado curta “A Dama do Estácio” (2012), estrelado por Fernanda Montenegro, Nelson Xavier e Joel Barcellos. “Crônica da demolição” é seu primeiro longa.

EMPRESA PRODUTORA – Imagem-Tempo

Fundada em 2003 no Rio de Janeiro, a Imagem-Tempo realiza filmes em diversos formatos, nas áreas de cinema, tv, institucional e publicidade. Em seus primeiros anos, realizou mais de vinte mostras e festivais de cinema. A partir de 2011 passa a ter como foco a produção audiovisual. Destacam-se os documentários de longa-metragem “Morro dos Prazeres” (Maria Augusta Ramos, 2013), “Yorimatã” (Rafael Saar, 2014), “Crônica da Demolição” (Eduardo Ades, 2015) e “Torquato Neto, Anjo Torto” (Eduardo Ades e Marcus Fernando, em finalização); e os programas “Arte na Capa”, “Faixa Musical” e “Retratos Brasileiros: Hélio Silva”, para o Canal Brasil; além de curtas premiados.

FICHA TÉCNICA

Documentário, cor, 2K, DCP, 90 minutos

Empresas produtoras: Imagem-Tempo, Tela Brasilis

Coprodução: Canal Brasil

Produtora Associada: Link Digital

Filme desenvolvido com recursos do Programa de editais da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro 2011/2012.

Patrocínio: Riofilme

Copatrocínio: Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro – CAU/RJ

Direção e roteiro: Eduardo Ades

Argumento: Eduardo Ades e José Eduardo Limongi

Produzido por: Daniela Santos, Eduardo Ades, João Felipe Freitas

Produção executiva: Daniela Santos

Direção de fotografia e Câmera: José Eduardo Limongi

Cenografia: Dina Salem Levy

Som direto: Antonio Carlos Liliu, Rodrigo Maia

Montagem: Eva Randolph, Eduardo Ades

Pesquisa iconográfica: Remier Lion

Motion graphics: Eduardo Seabra

Correção de cor: Paulo Carou

Edição de som: Thiago Sobral

Mixagem: Jesse Marmo

Música incidental: Philip Glass

ENTREVISTADOS

Alex Nicolaeff

Alfredo Britto

Antonio Souza Aguiar

Augusto Ivan Pinheiro

Cesar Maia

Humberto Barreto

Ítalo Campofiorito

Jonas Sliachticas Filho

Luiz Carlos Franco

Margareth da Silva Pereira

Maria Elisa Carrazoni

Maria Ligia Fortes

Noel de Almeida

Oigres Macedo

Olinio Coelho

CONTATOS

ASSESSORIA DE IMPRENSA

PRODUÇÃO

IMAGEMTEMPO

www.imagemtempo.com

info@imagemtempo.com

(+55) 21 2538 1445

Daniela Santos (produtora)

daniela@imagemtempo.com

(+55) 21 98440 3292

Eduardo Ades (diretor)

eduardo@imagemtempo.com

(+55) 21 98440 3605

Produção

IMAGEMTEMPO



tela brasilis

Coprodução



Produção associada

LINK DIGITAL

Apoio



CiaRio

Copatrocínio



Patrocínio



SECRETARIA DE CULTURA